



Amigos de São Francisco



Boletim Informativo de JULHO/AGOSTO
- Nº 165- 2026

Santa Clara: caminho que ilumina



*Irmã Raiany Lopes Pereira, CFS
(Congregação Franciscana do Senhor)*

No século XIII, entre 1193 e 1194, nasce em Assis, Clara di Favarone. Pertencente à nobreza local, cresceu cercada de privilégios materiais, num castelo que simbolizava poder e segurança. Mas o contexto social e religioso de seu tempo, marcado por cruzadas, doenças e um clero por vezes distante do povo, despertava nela perguntas que o ouro não respondia.

Desde muito jovem, Clara demonstrava profunda piedade e compaixão pelos pobres. Sua mãe, Ortolana, era uma mulher devota que influenciou sua fé e ensinou valores importantes para a vida. Prometida em casamento pelo seu pai, questionava-se se era isso que desejava, pois almejava algo diferente que tocava fortemente seu coração.

Clara escuta Francisco pregar na Catedral de Assis. Ele denunciava o luxo e propunha seguir a Cristo na pobreza radical com a vivência do Evangelho. Vivendo pobre entre os pobres, ele fez com que seu coração fosse profundamente tocado. Aos 18 anos, passa a se encontrar com Francisco, que a orientou no caminho da pobreza e do Evangelho. Sua alma ansiava pela vida de total entrega a Cristo, renunciando às riquezas, ao casamento e ao conforto de sua família nobre.

Na noite de Domingo de Ramos de 1212, Clara foge da sua casa para viver na pobreza. Segue para a igreja da Porciúncula, onde corta os cabelos e troca as vestes nobres por um hábito simples. Como forma de proteger-se de seu tio, Clara se recolhe em um mosteiro das beneditinas, para depois ir ao Convento de São Damião. Ali começaria uma revolução silenciosa.

Em 1212, Clara inicia a Ordem das Damas Pobres, conhecida como Clarissas, em um mosteiro ligado à Igreja de São Damião, em Assis. Durante muito tempo, Clara lutou para conseguir o Privilégio da Pobreza, por meio do qual escolheu viver sem nenhuma posse, sustentando-se pelo trabalho manual e pela caridade, diferentemente dos mosteiros existentes em Assis, que tinham uma hierarquia já estabelecida.

Clara de Assis abraça a Pobreza como um programa de vida. A paixão pelo Cristo Pobre está centrada no movimento do Deus Altíssimo, que se faz pobre e pequeno no presépio e na entrega da cruz. Viver a pobreza é viver na dinâmica da gratuidade de Deus. A Pobreza clariana é vida concreta, não somente pobreza em espírito.

Clara desafiou a realidade do seu tempo, escolheu um caminho: viver o Evangelho sem concessões, com autonomia. Sua espiritualidade não é fuga do mundo, mas transfiguração da matéria. A pobreza evangélica é a espinha dorsal na forma clariana de seguimento a Jesus Cristo. Clara não separa o seguimento de Cristo da vida de pobreza. Por isso, a não apropriação faz de Clara e suas irmãs pessoas livres.

Assim, vemos Clara tão convicta de sua opção que escreve a sua própria Regra ou Forma de Vida, e nela não abre mão do Privilégio da Pobreza. Conseguir esse privilégio era a garantia de não possuir nada, não ter posses, não ter bens. Viver na gratuidade e da providência de Deus.

Dois dias antes da sua morte, Clara consegue a aprovação da sua Regra pelo Papa Inocêncio IV, marcando um momento único na história da Igreja. O Mosteiro de São Damião tornou-se o berço dessa nova forma de vida religiosa feminina, onde Clara viveu por mais de 40 anos, guiando suas irmãs com sabedoria e amor evangélico.

Sua vida não era poesia medieval, mas profecia encarnada. Uma jovem que trocou o castelo pela clausura não por rejeição ao mundo, mas por amor a ele, transformando-o por meio da misericórdia. Clara morreu no dia 11 de agosto de 1253, uma mulher que viveu a sua vocação com profundidade, vigor e humildade. Ela nos ensina que a santidade se faz no cotidiano, com as mãos no trabalho e o coração no absoluto. Ainda hoje, Clara mostra que a pobreza evangélica não empobrece: liberta.



A Vocação do Irmão Leigo: a alegria de ser PEQUENO



Frei André Luiz dos Santos, OFM

Em um mundo que exalta o poder, o reconhecimento e as grandezas humanas, Deus continua chamando homens dispostos a trilhar um caminho diferente: o caminho da simplicidade, da fraternidade e do serviço. É nesse terreno fecundo que nasce a vocação do Irmão Leigo Franciscano, um chamado que brota do mais íntimo da alma e se transforma em resposta generosa ao amor de Deus.

Essa vocação não nasce da busca por prestígio ou destaque. Ela nasce do desejo profundo de seguir Jesus Cristo de maneira simples e verdadeira, colocando-se a serviço dos irmãos e irmãs, especialmente daqueles que mais necessitam de acolhimento, cuidado e esperança. É a vocação de quem escolhe ser pequeno para que o amor de Deus se torne grande na vida dos outros.

Ser Irmão Leigo é permitir que o coração seja moldado diariamente pela compaixão. É carregar no peito o desejo ardente de estar próximo dos que sofrem, dos que choram, dos que foram esquecidos e estão às margens da sociedade. É compreender que cada pessoa encontrada no caminho traz consigo a presença do próprio Cristo, que continua a clamar por amor nos rostos feridos da humanidade.

A vocação floresce quando o coração se deixa tocar pela inspiração divina. Ela cresce na dedicação silenciosa, na generosidade escondida e na coragem de servir sem esperar recompensas. É a resposta daqueles que descobriram que a verdadeira felicidade não está em ser servido, mas em servir; não está em possuir, mas em doar; não está em aparecer, mas em fazer-se presença fraterna e acolhedora. E é assim que o irmão leigo aprende a viver sua consagração.

Seguindo os passos do Pobrezinho de Assis, o Irmão Leigo descobre que cada gesto de bondade tem valor eterno. Descobre que a santidade pode ser vivida nas pequenas coisas, nos serviços mais simples, nos encontros cotidianos e nos gestos discretos que devolvem dignidade a quem já não acreditava mais em si mesmo. Aprende que o amor não precisa de grandes discursos para transformar vidas, basta um coração disponível para servir.

Ser Irmão Leigo Franciscano é fazer da própria vida uma pregação silenciosa do Evangelho. É anunciar a paz através da presença, a esperança através do serviço e a fraternidade através do amor concreto. É tornar-se sinal vivo de que Deus continua caminhando ao lado dos seus filhos mais necessitados.

Mais do que uma escolha de vida, essa vocação é um ato de amor. Um amor que se entrega sem reservas. Um amor que encontra sua força na humildade e sua plenitude no serviço. Um amor que transforma quem o recebe e, sobretudo, quem o vive.

Por isso, ser um religioso de vocação laical franciscana é uma graça e uma missão. É responder todos os dias ao chamado de Deus com a mesma coragem de Francisco, dizendo com a própria vida que vale a pena amar, servir e ser pequeno, porque, no Reino de Deus, são os pequenos que revelam as maiores grandezas e são eles que se fazem irmãos de todos que tornam visível, no mundo, o rosto misericordioso de Cristo.

A vocação presbiteral

A Igreja do Brasil, por meio das dioceses e Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), desde 1981, tem celebrado em agosto o mês vocacional, como tempo propício de reflexão e oração pelas vocações. Como se sabe, a vocação é dom de Deus. É um chamado que exige uma resposta. Quem chama e nos capacita para a missão é Deus, a nós cabe apenas responder sim ou não ao seu chamado. Do chamado à vocação batismal nasce o chamado à vocação: matrimonial, sacerdotal ou presbiteral e à vida religiosa (consagrados).

A vocação ao sacerdócio ministerial insere-se no âmbito mais amplo da vocação batismal cristã, pela qual os fiéis participam do Povo de Deus, conforme está na *Lumen gentium*: “[...] estabelecido por Cristo como comunhão de vida, de caridade e de verdade, é também por Ele assumido como instrumento de redenção universal e enviado em toda parte como luz do mundo e sal da terra (cf. Mt 5, 13-16)” (Vaticano II, *Lumen gentium*, n. 9, 1965).

Essa vocação, dom de Deus conferido a alguns homens, exige todo um caminho de formação, discernimento e amadurecimento para responder adequadamente a esse chamado, como recordou o Papa Francisco por ocasião do seu discurso à Congregação para o Clero: “[...] trata-se de conservar e desenvolver as vocações, para que produzam frutos maduros. Elas constituem um ‘diamante bruto’, que deve ser trabalhado com habilidade, respeito pela consciência das pessoas e paciência, para que resplandeçam no meio do povo de Deus” (Francisco, *L’Osservatore Romano*, 226, 8, 4 de outubro de 2014).

Tal vocação nasce e é acolhida no interior de uma comunidade eclesial e forma-se no Seminário, ou num Instituto de Vida Consagrada (se o candidato for alguém de vocação consagrada). Assim sendo, o padre é alguém tirado do meio do povo e consagrado a Deus para servir a esse povo como um pastor dedicado, acolhedor e atento às necessidades do rebanho que ele cuida. Doa a sua vida em função da comunidade, do Evangelho de Cristo e do povo a ele confiado. Ministra os sacramentos e participa do ministério episcopal como servidor do bispo em uma diocese. Exerce uma bonita missão, que é a de conduzir as pessoas ao encontro com Jesus.

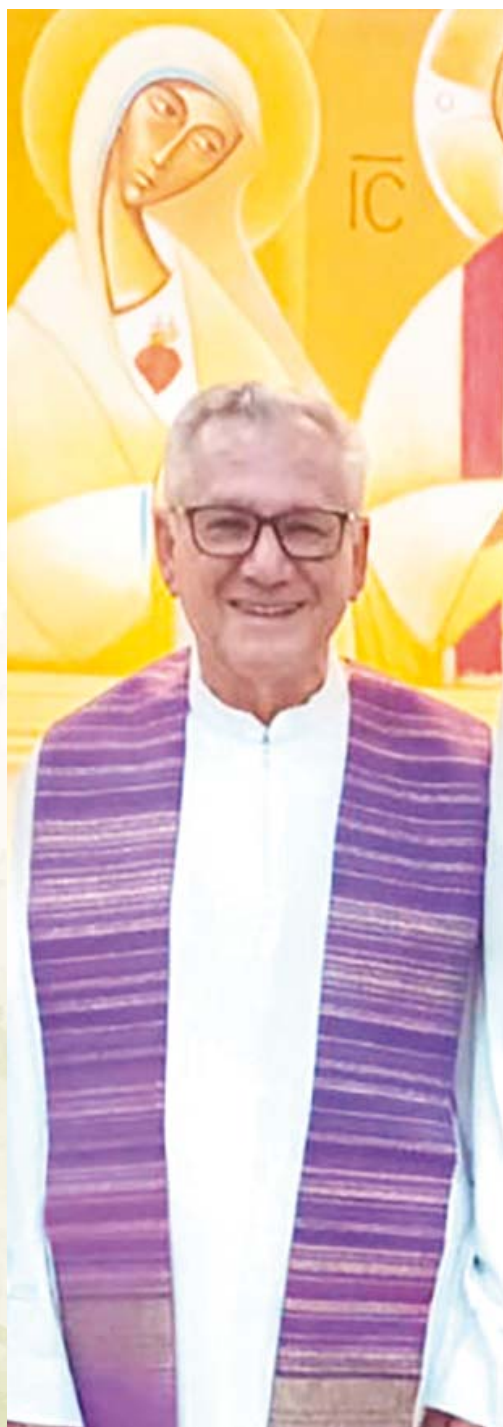


Frei Célio Alex Araújo Pereira, OFM

Dessa forma, o chamado a viver a vocação presbiteral é algo muito especial que se deve descobrir a cada dia. É na experiência de amizade com Jesus, sustentados pela oração e pela força do Espírito Santo e na fidelidade ao Senhor que podemos ouvir a voz de Cristo em nosso coração, para aprendermos como vocacionados a nos colocarmos na escuta confiante de Deus, que nos sustenta, apoia e confirma nesse chamado que Ele mesmo faz. E você, jovem, tem discernido sobre o chamado de Deus em sua vida? O caminho está aberto. Já pensou nisso?

Jubileu de 40 anos de vida sacerdotal: despertar, caminhada vocacional

Celebrar 40 anos de vida sacerdotal é, antes de tudo, fazer memória agradecida do caminho percorrido, sem jamais perder de vista o ponto de partida. Como nos recorda Santa Clara de Assis: “Não perca de vista o seu ponto de partida”. É essa memória que dá sentido ao presente, purifica o passado e ilumina o futuro.



A vocação sacerdotal nasce e amadurece no processo contínuo de escuta confiante, fidelidade e esperança. A fé que sustenta essa caminhada não surge de modo repentino; ela é um despertar contínuo, permanente desde o seio materno, como nos recorda o profeta: “Antes que te formasse no ventre, eu te conheci; antes que saíesses do seio materno, eu te consagrei” (Is 49,1). A semente da fé, lançada no seio materno, brotou, germinou, cresceu e se fortaleceu no ambiente familiar, nas primeiras orações, nos gestos simples que revelam Deus antes mesmo que Ele possa ser explicado em palavras. Esse ponto de partida no seio familiar consanguíneo é essencial, no qual a vocação tem um berço, uma casa, um lar. Nesse espaço sagrado, a semente lançou suas raízes, foi cultivada, cresceu e deu frutos. O Concílio Vaticano II vai chamar a família de Igreja doméstica, na qual a realidade permanece viva e se concretiza o sonho de Deus para a humanidade.

A fé recebida no seio materno germinou, lançou raízes e começou a crescer. Acompanhado de meus pais e padrinhos, fui conduzido à pia baptismal, na Matriz de Cabo Verde, cuja padroeira é Nossa Senhora da Assunção, onde recebi o Batismo pelas mãos de Frei Quiriano Jacobs, OFM, representando a família franciscana. O Batismo marca e confirma meu primeiro “sim” ao Senhor, se identificando com o “sim” de Maria ao Anjo Gabriel: “Eis aqui a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua Palavra” (Lc 1,38). Em Maria, o Verbo se encarnou pela ação do Espírito Santo, abrindo as portas para uma nova Criação. Nesse processo, fui aos poucos tomando conhecimento de meu pertencimento à Igreja e, ainda como adolescente jovem, comecei a participar da família franciscana na Ordem Franciscana Secular (OFS), que na época chamava-se Ordem Terceira Franciscana. Assim acontece com todos os batizados, somos mergulhados na graça e chamados a uma vida nova, isso é obra do Espírito Santo. Todos somos vocacionados a seguir Jesus Cristo e sermos peregrinos da Esperança. A Esperança não nos decepciona, pois o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo (Rom 5,5).

Animado pela prática religiosa de minha família consanguínea e com o estímulo da família franciscana, tomei uma decisão e fui participar, em 1974, da Comunidade de Jovens Franciscanos (CJF) em Santos Dumont, onde concluí ali meu estudo fundamental. Sugiro que você veja o acróstico bem elaborado pelo meu amigo Frei Pedro Martinho Peters, por ocasião de minha ida para Santos Dumont. Em 1979, participei do Noviciado e no final do ano fiz os primeiros votos na Ordem Franciscana da Província de Santa Cruz. No ano seguinte, fui cursar Filosofia e Teologia em Petrópolis, tempo de graça e fecundo na aprendizagem; sobretudo do carisma franciscano, me tornei aprendiz permanente.

Concluí os meus estudos em 1985, e no dia 4 de janeiro de 1986 fiz a profissão solene em Santos Dumont. No dia 19 de janeiro do mesmo ano, fui ordenado diácono em Monte Belo, na Paróquia Nossa Senhora da Imaculada Conceição, e no dia 4 de julho de 1986 fui ordenado presbítero em Cabo Verde, com o tema: “O Espírito do Senhor está sobre mim, Ele

me ungiu, me consagrou para evangelizar os pobres” (Lc 4, 16-18). Eis o belo desafio no meu ministério, acredito que também de todos os colegas presbíteros e lideranças religiosas. Evangelizar os pobres é restituir a eles a Palavra de Deus, que os liberta através da autêntica oração como obra do Espírito Santo e da comunhão com Jesus Cristo. Hoje, como no início do cristianismo, os pobres são os mestres da oração. Eles constituem o mais belo tesouro para toda a Igreja, pois pela vida e testemunho nos convidam a aproximarmos de Jesus Cristo.

O grito de São Francisco de Assis, que ele escreveu no seu testamento, antes de celebrar sua páscoa, ecoou e continua ecoando no meu ser: “[...] o Senhor me deu irmãos...”. Com seu grito, ele alimenta a esperança e a confiança de que a fraternidade é possível, pois a iniciativa é do Senhor. Viver um mundo de irmãos: esse é o sonho do Senhor. Nesse tempo, 40 anos que o Senhor me concedeu a graça de viver e exercer meu ministério, experimentei várias fraternidades como dom da graça e bondade. Esse grito ultrapassa a humanidade e chega a todas as criaturas. Quando São Francisco escreve o *Cântico das Criaturas*, aponta para a fraternidade universal. Outro grito de São Francisco que me estremeceu até a profundidade do meu ser: “[...] o Senhor me conduziu para junto dos leprosos, tive misericórdia com eles”. São Francisco se aproxima, abraça e beija o leproso. Ora, você só abraça e beija quem você ama e adora, aproximando-se. São Francisco revela nesse gesto sua experiência com Cristo, que se mostra nas feridas dos leprosos. Esse sentimento de compaixão com quem sofre constitui um desafio permanente no exercício de minha vida religiosa franciscana e de meu ministério sacerdotal. Como me identificar com Cristo/São Francisco de Assis nas pessoas caídas, prostadas, feridas, à margem da história, no caminho da vida? Como disse São Paulo: “[...] pois trago em meu corpo as marcas de Jesus Cristo” (Gálatas 6,17).

Hoje podemos acrescentar a essa lista a natureza desprezada, ferida, machucada, crucificada pelos interesses egoístas de nosso tempo. Tenho necessidade de despertar em mim o sentimento de solidariedade e fraternidade com a mãe Terra e toda a natureza. Essa natureza que Deus criou e viu que tudo era muito bom (Gn 1,31).

Diante desse mistério, tão vasto e profundo, como exercer meu ministério, a não ser me inclinando diante de toda criação e dirigindo-me ao Senhor: “Curai, Senhor, ó Deus Santo, pois pequei contra vós” (Salmo 41,5). Acredito que só podemos ter uma natureza profundamente renovada, passando pela reconciliação de nós seres humanos com a natureza, como disse São Paulo: “Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito” (Rom 8,1).

O jubileu, portanto, não é simplesmente um marco cronológico, mas um verdadeiro tempo de graça — um *Kairós*. É o momento de trazer à memória o bem-vivido e realizado, reconhecer as obras que Deus realizou por meio deste ministério sacerdotal e agradecer por cada vida tocada, cada sacramento celebrado e cada palavra de esperança anunciada. Tudo é graça, tudo é dom, bondade, misericórdia. Dessa experiência brota, como um clamor que nasce do mais íntimo do meu coração, a voz orante do salmista: “Que poderei retribuir ao Senhor por tudo aquilo que Ele fez em meu favor? Elevo o cálice da minha salvação invocando o nome Santo do Senhor” (Salmo 116).

Gratidão a todos que, direta ou indiretamente, me ajudaram nesta caminhada vocacional, seja por meio do seu testemunho de vida, seja por oração, seja por palavras de ânimo, seja por encorajamento. Como os magos adoraram o Menino Jesus e lhes ofereceram presentes, eu lhes trago o mais belo presente oferecido pelo Pai: seu Filho Jesus Cristo. Amém!

*Acróstico feito por Frei Pedro Martinho Peters ao neossacerdote Frei Pedro José de Assis, em 4 de julho de 1986.

Partiste em 1974 rumo a Santos Dumont.
Encaminhaste teus passos pela estrada de São Francisco.
Dei-te a Bíblia como lembrança.
Releia-a, disse eu, repetidas vezes,
Observando com atenção tudo o que ela ensina.
Jovem, assim falou o Mestre:
Observa os meus ensinamentos.
Segue-me, depois de deixar tudo.
É este o ideal evangélico e franciscano.
De Assis é a cidade onde São Francisco nasceu.
E segui-lo e imitá-lo é o teu ideal.
Assis aponta o caminho da simplicidade.
Sea São Francisco teu exemplo e também teu protetor.
Sem ele, nada; com ele, tudo se esclarece.
Indispensável é sua intercessão.
Sê sempre um frade menor.



Raízes e memória: a importância dos avós segundo a Igreja

"Na velhice, não me abandones"
(Sal 71, 9)



Frei Josimar da Cunha, OFM

O Dia dos Avós, celebrado em 26 de julho, é uma data de profundo significado, que nos convida a olhar com carinho e gratidão para aqueles que guardam a história de nossas famílias. Longe de ser apenas uma comemoração comum, esse dia nos lembra que os idosos são os pilares que sustentam a nossa caminhada individual e comunitária. Eles carregam a sabedoria que o tempo traz e nos oferecem um amor puro e acolhedor, funcionando como um porto seguro no qual as novas gerações aprendem a dar os primeiros passos na vida e na fé.

A beleza dessa união entre as diferentes gerações está expressa nas Sagradas Escrituras. No livro de Provérbios, a Palavra de Deus nos mostra como os netos trazem uma alegria renovada para a vida dos mais velhos, afirmando: "Coroa dos anciãos são os netos, honra dos filhos são os pais" (Pr 17, 6). Esse ensinamento bíblico deixa claro que a velhice não deve ser vista como o fim, mas como uma fase abençoada de plenitude, na qual a vida continua a dar frutos e o amor de Deus se estende através dos filhos e dos filhos dos filhos.

Para reforçar essa importância, a Igreja Católica dedica uma atenção muito especial aos mais velhos, especialmente através do saudoso Papa Francisco, que instituiu o Dia Mundial dos Avós e dos Idosos. Na exortação apostólica *Amoris Laetitia*, nos diz que "Uma família que não respeita nem cuida de seus avós, que são a sua memória viva, é uma família desintegrada; mas uma família que recorda é uma família com futuro" (AL nº 193). Essas palavras mostram que valorizar os idosos não é um favor que fazemos, mas o segredo para manter uma casa unida, forte e com a bênção divina.

O próprio Papa Francisco costumava usar palavras cheias de afeto e seriedade para defender o espaço dos idosos na sociedade atual. Ele sempre alertava contra o erro de isolar os mais velhos e costumava dizer que "os avós são a memória viva da fé" e que "os idosos nos dão as raízes, enquanto os jovens dão as asas". O Papa insiste que uma sociedade só se torna verdadeiramente humana quando aprende a escutar a sabedoria dos idosos, pois o diálogo entre os netos e os avós é o que impede que o mundo perca o rumo e o respeito pelo passado.

Essa valorização ganha ainda mais força quando lembramos que o próprio Jesus teve avós: Santa Ana e São Joaquim. A tradição da Igreja nos conta que eles educaram a Virgem Maria com muita dedicação e paciência, preparando o seu coração para ser a mãe do Salvador. Imaginar o Menino Jesus recebendo o carinho de seus avós humaniza a nossa fé e nos mostra que a santidade nasce nos pequenos gestos do dia a dia em família. São Joaquim e Santa Ana os grandes padroeiros que inspiram todos os avós a cumprirem sua linda missão de proteger e abençoar seus lares.



Em meio ao ritmo acelerado do nosso tempo, no qual o mundo corre tão depressa e muitas vezes se esquece de parar, deixamos uma mensagem de profundo carinho a vocês, vovô e vovó. Como tão bem expressa a escritora e poetisa Adélia Prado, "a maturidade nos ensina a ver a beleza no que é simples e a entender que o tempo é um aliado da alma, não um inimigo". Inspirados por essa sensibilidade, agradecemos por serem a nossa calma e o nosso ponto de apoio; não tenham medo da idade nem se sintam desnecessários, pois a oração, a serenidade e o sorriso de vocês são o que mantêm a nossa família de pé. Que vocês continuem sendo essa luz viva em nossas casas, sabendo que cada história contada na mesa, cada abraço dado é semente de amor que, como na poesia, eterniza a beleza do cotidiano e ficará guardada para sempre em nossos corações. Parabéns pelo seu dia!

Referências

BÍBLIA SAGRADA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*: sobre o amor na família. Roma: Editora Vaticana, 2016. Disponível em: <https://www.vatican.va>. Acesso em: 8 jun. 2026. Cap. 5, n. 193.

FRANCISCO, Papa. Mensagem do Papa Francisco para o IV Dia Mundial dos Avós e dos Idosos: "Não me rejeites no tempo da velhice". Vaticano, 25 abr. 2024. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/nonni/documents/20240425-messaggio-nonni-anziani.html>. Acesso em: 8 jun. 2026.

EM COMUNHÃO COM O 5º CONGRESSO VOCACIONAL DO BRASIL 2026

Comunidades vocacionais: encontro, testemunho e missão

“Perseverantes e bem unidos, partiam o pão pelas casas”

(At 2,46)



I. RITO DE ENTRADA E ACOLHIDA

(Pode-se acender uma vela e colocar sobre a mesa a Bíblia, um pão e o cordão franciscano.)

Canto: “Te amarei, Senhor” (Frei Luiz Turra).

Dirigente: Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.

Todos: Amém.

Dirigente: Irmãos e irmãs, sintonizados com toda a Igreja no Brasil que se prepara e vivencia o 5º Congresso Vocacional do Brasil neste ano de 2026, somos convocados a redescobrir nossas comunidades como berços de vocações. Sob a luz do tema “Comunidades vocacionais: encontro, testemunho e missão”, queremos colocar nosso coração na escuta do Senhor que nos chama.

Leitor 1: Olhando para a primeiríssima comunidade cristã, acolhemos o lema inspirador que nos conduz: “Perseverantes e bem unidos, partiam o pão pelas casas” (At 2,46). Como família franciscana, que traz na identidade a fraternidade e a minoridade, queremos renovar nosso sim ao Evangelho.

II. ESCUTA DA PALAVRA (ATOS DOS APÓSTOLOS 2,42-47)

Leitor 2: Leitura dos Atos dos Apóstolos

Os irmãos eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, no partir do pão e nas orações. [...] Todos os que abraçavam a fé viviam unidos e possuíam tudo em comum; vendiam suas propriedades e seus bens, e repartiam o dinheiro entre todos, conforme a necessidade de cada um. Perseverantes e bem unidos, frequentavam diariamente o Templo, partiam o pão pelas casas e tomavam a refeição com alegria e simplicidade de coração.

Palavra do Senhor.

Todos: Graças a Deus.

(Momento de silêncio para interiorização da Palavra e partilha vocacional.)

III. PRECES VOCACIONAIS DA FRATERNIDADE

Dirigente: Elevemos nossas preces ao Senhor da Messe e Pastor do Rebanho, apresentando com amor e confiança a vida de nossa Igreja e a beleza de nossa família franciscana. A cada prece, rezemos:

Todos: Senhor da messe, enviai operários e operárias para o vosso Reino!

Pelo Santo Padre: Rezemos pelo nosso Pastor Universal, o Papa Leão XIV. Que o Espírito Santo o cumule de sabedoria, fortaleza e saúde para conduzir o povo de Deus no diálogo, na profecia e na paz. Roguemos ao Senhor:

Pela Província Santa Cruz: Rezemos por todos os frades de nossa Província, de modo especial pelo nosso Ministro Provincial, Frei Vicente de Paulo do Nascimento, e por todo o seu Governo. Que o Senhor os conduza na animação da vida fraterna, dando-lhes discernimento e zelo pastoral para guiar os irmãos na menoridade. Roguemos ao Senhor:

Pelos formandos da PSC: Rezemos com carinho por todos os formandos da PSC. Que eles cresçam na configuração com o Cristo Pobre e Crucificado e que o Espírito Santo os sustente na fidelidade e no entusiasmo do discernimento vocacional. Roguemos ao Senhor:

Por toda família franciscana: Rezemos para que todos os franciscanos, vivendo no meio do mundo, em suas famílias, comunidades e trabalhos, sejam autênticos testemunhos do Evangelho, promotores da justiça, da paz e da ecologia integral, fortalecendo a fraternidade e irradiando o espírito de Assis em todos os ambientes. Roguemos ao Senhor:

Pelos vocacionados: Rezemos por todos os jovens e adultos que sentem em seus corações o inquietante chamado do Senhor e que estão sendo acompanhados em nosso Serviço de Animação Vocacional. Que o Espírito de Sabedoria os livre do medo e da dúvida, concedendo-lhes a generosidade e a ousadia necessárias para dar o primeiro passo rumo ao discernimento. Roguemos ao Senhor:

Por todas as vocações: Rezemos pelos casais, pelos leigos e leigas, pelos ministros ordenados e por todas as formas de vida consagrada. Que cada um descubra sua existência como dom e missão, partindo o pão da vida nas casas e nas periferias do mundo. Roguemos ao Senhor:

IV. ORAÇÃO VOCACIONAL

Senhor da Messe e Deus de Amor, enviai o vosso Espírito Santo sobre a vossa Igreja! Fazei de nossas famílias, paróquias e fraternidades verdadeiras Comunidades Vocacionais. Concedei-nos a graça do Encontro que transforma, do Testemunho que arrasta e da Missão que ultrapassa fronteiras. Inspirados na comunidade primitiva, ajudai-nos a ser perseverantes, bem unidos e a partir o pão pelas casas com alegria e simplicidade. Despertai no coração dos jovens o desejo de seguir os passos de São Francisco e Santa Clara na Vida Consagrada. Olhai com ternura para os vocacionados e fortalecei os frades, os formandos, a OFS, a Jufra, os amigos de São Francisco e a Pequena Família. Sustentai o Papa Leão XIV, nosso ministro geral Frei Massimo Fusarelli e nosso ministro provincial Frei Vicente de Paulo, com todo o seu governo, na fidelidade ao Evangelho. Maria, Mãe das Vocações e Virgem feita Igreja, ensinaí-nos a acolher o dom de Deus e a dizer o nosso “sim”.

Amém!

BÊNÇÃO

D.: O Senhor nos abençoe e nos guarde.

Mostre-nos a sua face e tenha misericórdia de nós.

Volte para nós o seu olhar e nos dê a paz.

Todos: Amém.

D.: Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.

Todos: Amém.

